

recontado por ÚRSULA PASSOS



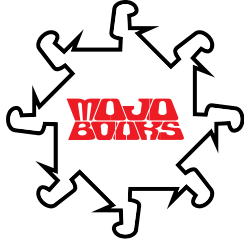
MEDULLA
blörk



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da MOJO Books, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

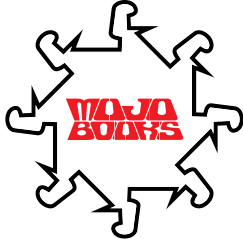
Danilo Corci
organizador



MOJO SPECIALS 03

MEDÚLLA
björk

recontado por **ÚRSULA PASSOS**



MOJO SPECIALS 03

**MEDÚLLA
BJÖRK**

MOJO BOOKS é a divisão literária da revista *Speculum*

edição **Danilo Corci e Ricardo Giassetti**

direção de arte **Delfin**

capa **Fábio Cobiaco**

revisão **Camila Kintzel**

Outubro de 2007

Perder-se, encontrar-se, lembrar-se de...



Água, água por todos os lados, cansaço, aperto na garganta, pouco ar, muita água, quase afogamento, brigo para conseguir respirar no meio de tanta água. Quiçá uma piscina, um mar, sem fim, sem fundo. Debatto-me, angustiada, com medo, de uma escuridão da qual não dá para fugir, de uma água na qual não quero submergir; e, por mais que eu tente gritar, nada sai e apenas mais água entra.

Consigo boiar, de costas, finalmente. Tranqüilizando-me, sinto a água, agradavelmente, envolver todo meu corpo nu. Quase faz parte de mim, e eu faço parte dela. É meus ouvidos, meu nariz, meus olhos, minha boca, cada cavidade, cada membro. Vejo estrelas no céu, minhas pequenas luzes cintilantes.

Não estou sozinha. Seres marinhos, sereias, mulheres lindas, nuas, fortes, com rabos de peixe e escamas verdes e azuis, cabelos longos negros, nadam em minha direção numa coreografia mágica e inebriante. Uma, particularmente bela, aproxima-se e canta no meu ouvido docemente uma canção sublime e sensual, branda como o encostar do Sol se pondo nas pontas de montanhas. Então tudo começa a rodar, fecho os olhos, ela passa o corpo pelo meu, devagar, mãos macias, acolhedoras.


PÁRA

Eu corro, corro sem parar, descalça e ainda nua. Abro os olhos e estou correndo no asfalto duro e negro enquanto um vento frio bate no meu rosto. Quase como uma bofetada, esse vento seco, cortante. Não ousou olhar para trás para descobrir de quem ou do que, estou correndo. Corro e ~~corro~~ corro. Meus pés doem, tento me apoderar de todo ar existente, perguntando-me se posso agüentar. Corro e corro, sem que meu corpo obedeça a qualquer ordem de parar, diminuir, dar a volta, ir para um dos lados... se bem que, percebo, não há ruas nas laterais, só uma reta que parece levar ao infinito.

De repente, num piscar de olhos um pouco mais longo de estafa, uma multidão corre ao meu lado e na minha frente. São milhares de pessoas em uma reta sem fim, escura, fria, rija. Meus pés batem e fazem barulho. Som que, multiplicado por mil, assemelha-se à música do desespero. Ninguém ousa trocar olhares. Por vergonha ou por medo, não paramos, não gritamos, não diminuimos; ofegamos. Ouço a respiração de cada um, de todos e de ninguém, sequer a minha. Estou cansada e corremos.



RESPIRO FUNDO



Sinto cheiro de flores, fecho os olhos e estou de novo sozinha, em silêncio. Meus pés correm sobre algo macio e um pouco escorregadio; abro os olhos, olho para baixo e é grama molhada, grama verde, suave. Sinto calor e estou com um vestido de flores quase mimético ao jardim que me acolhe. Estendo os braços em frente ao corpo, olho-os. Observo meu corpo. Margaridas, tulipas, girassóis, lírios, roseiras, uma árvore frondosa à distância, cheia de frutos amarelos. O Sol está no alto de um céu azul maravilhoso. Nesse silêncio absoluto, deito-me na grama, vagorosamente, e respiro o perfume puro das flores, deixando-o tomar conta de mim; um sopro toca meu pescoço.

Um sopro lilás, úmido, cheiroso, quente, por pouco um suspiro; cheiro de morangos, uma pequena brisa — um zéfiro. Não quero abrir os olhos, estão como que grudados com caramelo. O sopro sobe pela orelha direita, testa, mãos, mais de um, multiplicam-se nos meus cabelos soltos e longos estendidos pelo chão. Um peso desabotoa o primeiro botão do meu vestido, tirando-o devagar de sua casa... Abro os olhos novamente.

ESCURIDÃO

Não há vento, não há brisa, não há cheiros que não o de morango coberto por gotas de orvalho da manhã amena. Escuridão total. Só ouço a minha respiração e a do sopro. Um toque. O longo vestido de flores se esfacela, vira pó, cai por um suposto chão e desaparece. Uma aproximação quente – não me movo – apenas fico. Espero. Duas mãos percorrem meus ombros, pesadas, grandes, descem pelos meus braços. No limiar entre o tocar e o não tocar, elas agarram, convictas, minhas mãos e as põem ao redor de sua cintura estreita e curva. Um puxão decidido, rápido, e a aproximação máxima de corpos. “Quem é você?” Não ousou perguntar, falar. Seja o que for pode fazer com que tudo desapareça. Dois corpos em um, um abraço, encontros, pele fina, lisa e o cheiro de morangos frescos. Reconhecemo-nos. Apesar de aparentar me conhecer, ela é totalmente estranha para mim. Não mais. Minha respiração acelera, o ar torna-se cada vez menos suficiente. Preciso de mais, mais. Meu coração bate forte e rápido, posso até ouvi-lo ressoar em meus ouvidos. Ainda no abraço resolvo descobrir o que há naquele corpo delicado de mulher. O beijo úmido em meus olhos, outro na ponta do meu



nariz, nos meus lábios; gosto de morango silvestre, **vermelho**, colhido agora, ainda com as folhinhas verdes, posso até sentir as pequenas sementinhas. Abaixamos-nos, nos deitamos, sinto seu peso sobre mim, seu corpo leve e vigoroso.

Eu C

A

I

O e não paro de cair, cair e cair. Leveza total, sequer consigo sentir meu corpo, só a queda. A escuridão torna-se luz que cega, um clarão branco, uma imensidão que se perde no brilho prateado. Sinto-me Alice caindo, não chego nunca ao fundo. A batida final poderá ser dura, mortal, ou macia, em plumagens, em folhas caídas de outono. Apenas pequenos *flashes* prateados na imensidão branca! Faço acrobacias com esse corpo singelo que cai; estou caindo, escorrendo, a gravidade existe e domina, ou simplesmente não sabe que é. Sinto apenas minha presença e a de mais ninguém. Não há cheiro, não há som, não há limite, apenas esse nada, esse tudo, esse ar — líquido — sólido.

Giro em todos os eixos. *Levemente.*



PUFT

Uma cama elástica, um puja-pula colorido, **vermelho**, **amarelo**, **azul**, **verde**, **laranja**, **roxo**. Música, música de circo, tambores e cornetas, meu corpo pula pula pula. Bailarinas brilhantes e cheias de cor dançam em círculos ao meu redor, cantando algo ininteligível, aproximando-se e afastando-se e eu pulando.

Alguém pega minha mão. A mão fria me faz parar, pega-me no colo e leva-me para um lugar distante, voando baixo por um parque de diversões — carrossel, roda-gigante, barraquinha de tiro ao alvo, cheiro de algodão-doce no ar, sorrisos e risadas —, eu percebo. Olho para cima. Um ser loiro de cabelos curtos, lábios **cor de vinho**, vestido leve **cor-de-rosa-sonho-de-valsas**, asas **salmão claro**, canta-me uma canção de ninar e passando a mão fria de dedos grandes e finos em meu rosto.

Chegamos a uma cama gigantesca, acortinada de voal **branco**. Ela/ele me deita em meio a muitos travesseiros aconchegantes, com cheiros simples de manhãs ensolaradas, e deita-se ao meu lado. Vão chegando sombras que avisto pelo tecido fino, como nuvem sem chuva. Sombras vagarosas cantando melodias



que me animam, num coral harmonioso. Deitam-se todas na cama junto a mim. Estamos todos usando camisolas vaporosas de seda **cor-de-rosa-claro**, homens e mulheres. O cheiro vai ficando muito doce, aroma de biscoitos no forno. O ambiente vai silenciando e invade-nos uma fumaça quente, **cor-de-romã-pelo-lado-de-dentro**. Ela toma todos os espaços vazios entre nossos corpos e só se pode enxergar **rosa**.

Adormecemos depois, todos entrelaçados.



* LUZ *

Acordo com música alta, vibrante e luminosa. Meus olhos piscam rapidamente infinitas vezes antes de se estabelecerem. Arregalo-os. Sou vestida às pressas e sincopadamente com saias de tule e um corpete de infindáveis tons de roxo, uma máscara com penas de pavão e lantejoulas, salto alto preso com fitas que sobem pelas pernas até terminarem em um laço enorme no topo das coxas. Todos estão lindos, e vamos, correndo e aos pulos, a um salão imenso estilo rococó. Um lustre colossal enche tudo de luz e a música é dançante. Dançamos feitos loucos e senti em minha língua os sabores como pela primeira vez em minha vida. Pequenos bolos adocicados são dados a mim pelos dentes e línguas de outros, muito champanhe, sucos de maçã, beterraba, laranja e vinho branco. Todos próximos dançando em pares, trios, sozinhos, com suas saias, sombras, gravatas, beijos, abraços. Pernas esfregam-se nas minhas; braços, mãos levantam meus saiotes. Dançamos, bebemos, comemos, ninguém é ninguém, somos risadas e gritos. Não temos nomes, não há para o que eles sirvam.

Eu não tenho um nome, tive um, uma vez, mas acho que



me esqueci dele. Muitas vozes são as minhas e muitos nomes são os meus, são nada mais que palavras. Fazemos todos, os alados ou não, os melados, os calados, uma grande roda pelo salão, e giramos e giramos

e giramos e giramos e giramos e giramos e giramos

ao ritmo da música enlouquecida que nos sacia, numa batida como a de um coração, mil corações. Pulamos, giramos, batemos palmas, damos as mãos, apertamos uns aos outros, os braços, as pernas, experimentamo-nos, parece não haver cansaço, parece, parece-me, não haver sequer oxigênio, nem o tempo, só champanhe e doces de chocolate, e chantili e frutas: carambolas, ameixas, amoras, maracujás; gritos e mãos, corações, emoções, palmas, pés, mãos, pernas, seios, nádegas, umbigos...



FIM



MEDÚLLA

SOBRE A CANTORA

Medúlla é um álbum quase todo construído com vozes humanas e poucos instrumentos – e, mesmo assim, apenas um piano, um sintetizador e um gongo. *Medúlla* é um bom exemplo da singularidade da cantora islandesa Björk, gravado em estúdios de seu país natal, da Espanha e do Brasil. Sua carreira também transpira essa excentricidade e riqueza musical, começando em seus quatorze anos, passando por bandas como KUKL no *underground* e emergindo para o *mainstream* com o Sugarcubes. Guindada ao posto de musa *pop*, sua atuação não se restringe ao mundo musical, colecionando entre seus prêmios o de melhor atriz em Cannes e indicada ao Oscar® de melhor atriz pelo papel em *Dançando no Escuro (Dancer in the Dark, 2000)* de Lars Von Triers.

CRÉDITOS ORIGINAIS

MEDÚLLA – BJÖRK

Capa de Mathias Augustyniak e Michaël Amzalag e

Inez/Vinoodh

Lançado em 30 de Agosto de 2004

Selo: Atlantic Records, One Little Indian

Produzido por Björk & Mark Bell

Para mais informações sobre a cantora, visite:

www.bjork.com

SOBRE A AUTORA

Úrsula Passos é culpada de ter muita vontade e pouca coragem, muitas idéias e pouco trabalho duro, muita utopia e pouca realização, muitos desejos e poucos gozos. Hoje está no segundo ano do curso de Filosofia e após muitos contos, romances e *blogs* abandonados, resolveu manter o *Auto-retrato no museu*, uma tela na qual, aos poucos – e vencendo muitas resistências de seu ser –, vai compondo com palavras aquilo que seria seu auto-retrato, não exposto num museu, é claro, mas na internet, como uma mensagem ao ar, onde você pendura o quadro numa parede qualquer e nunca se sabe quem por ela passará e nem quem vai parar, olhar, se questionar, admirar, ou simplesmente passar mesmo. Cinéfila, caiu no clichê de gostar de filmes franceses, – gosta de Godard! Mas também é fã (mas não de carteirinha, tem horror aos clubes) de Truffaut, Woody Allen, Almodóvar e Kieslowski. Cinema *cult*, filosofia, Björk, *blog*... Não, ela não usa óculos quadrado! Se bem que, se precisasse de óculos, quadrados seriam!

ATRIBUIÇÃO: USO NÃO-COMERCIAL COMPARTILHAMENTO PELA MESMA LICENÇA 2.5 BRASIL

A MOJO BOOKS é filiada à Creative Commons.

Com este livro você pode:

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra
- criar obras derivadas

Sob as seguintes condições:

Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

Uso Não-Comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.

Compartilhamento pela mesma Licença. Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

- Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.

Qualquer direito de uso legítimo (ou "fair use")
concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido
pela legislação local, não são em hipótese alguma afetados
pelo disposto acima.

S3 MEDÚLLA

BJÖRK

PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM



1. PLEASURE IS ALL MINE
2. SHOW ME FORGIVENES
3. WHERE IS THE LINE
4. VÖKURÓ
5. ÖLL BIRTAN
6. WHO IS IT
7. SUBMARINE
8. DESIRED CONSTELLATION
9. OCEANIA
10. SONNETS/UNREALITIES XI
11. ANCESTORS
12. MOUTH'S CRADLE
13. MIÐVIKUDAGS
14. TRIUMPH OF A HEART
15. KOMIÐ (JAPANESE BONUS TRACK, ITUNES RELEASE)

